



VOZ DA FÁTIMA

A todos os nossos assinantes, leitores e amigos da Voz da Fátima, bem como a todos os chefes de trezena e cruzados da Fátima, desejamos as melhores bênçãos de Jesus Menino. Que a Virgem nossa Mãe nos alcance também de Deus a paz para o mundo. Boas-Festas do Natal.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LIII N.º 627
13 DE DEZEMBRO DE 1974
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

FÁTIMA SERÁ ANTI-COMUNISTA?

NO clima de liberdade política introduzida pelo 25 de Abril, tem vindo à tona, com bastante frequência, o problema das relações de Fátima com o comunismo. (Diga-se, aliás, entre parêntese, que Fátima tem sido, nestes últimos meses, alvo predilecto de uma série de pessoas e instituições que chegam a dar-nos a impressão de que, já desde muito antes do 25 de Abril, tinham as suas armas aperradas e a mão no gatilho, à espera duma primeira ocasião para dispararem contra Fátima — e não só pelas suas relações com o comunismo! Sem paixão, convém que pensemos no assunto, mas a longo prazo).

Pois de que se acusa Fátima? Por um lado, de ter servido de bandeira político-religiosa em cruzadas anti-comunistas. Chega a dizer-se (oh suprema «ingenuidade»!) que o ano das aparições foi já previsto e querido pelos padres, claro está, como um golpe de antecipação, precisamente para contrariar a difusão do marxismo, que Lenine se esforçava então por implantar na Rússia. (Abro aqui outro parêntese para dizer que estas «descobertas» dos inimigos de Fátima me fazem uma pena imensa, não pelo mal que possam vir a fazer aos peregrinos e amigos de Nossa Senhora, mas porque revelam um fosso enorme que retardará indefinidamente a compreensão da família portuguesa. Não nos entendemos de maneira nenhuma, e não vejo como poderemos entender-nos, enquanto houver, em Portugal, quem pense sinceramente que Fátima é uma criação dos padres, um golpe de antecipação contra o marxismo).

Fechamos o parêntese para retomarmos a exposição das opiniões acerca do anti-comunismo de Fátima. Não são só os comunistas que acusam Fátima de servir de bandeira anti-comunista. São também alguns cristãos, devemos reconhecê-lo. São sobretudo aqueles cristãos que, inclinados para uma

solução socialista dos problemas humanos, se atiram às estruturas e países capitalistas nomeadamente os Estados Unidos da América, acusando-os de «se apoderarem» de Fátima para defender os seus interesses em nome de Nossa Senhora — como se, ao recomendar oração pela conversão da Rússia, Ela louvasse, ao mesmo tempo, os regimes políticos anti-comunistas.

Uma vez mais, e também quanto a este problema, a melhor atitude será a de nos interrogarmos sobre

da peregrinação do último Outubro. É, portanto, oportuna a pergunta: Fátima será anti-comunista? Dizendo «Fátima», pomos de parte, evidentemente, qualquer utilização que possa ser feita da mensagem de Fátima ou mesmo qualquer interpretação mais ou menos interesseira. O que nos interessa é a verdadeira mensagem de Nossa Senhora.

Ora, para já, em toda a mensagem não há uma única palavra sobre o comunismo. O que significa que

Artigo do Dr. LUCIANO GUERRA, Reitor do Santuário

o fundamento que podem ter, não digo já os comunistas, mas os nossos irmãos na fé, ao denunciarem Fátima como cidadela do anti-comunismo. Tanto mais que, pensando eles, se poderá cair facilmente num anti-comunismo estéril e contraproducente. Estéril, enquanto que não surtirá os resultados que esperam os seus fautores; e contraproducente enquanto que, acirrando os ânimos, poderá favorecer climas de tensão civil, nada desejáveis. Veja-se, por exemplo, a extraordinária montagem que se fabricou à volta

a palavra «comunismo» também lá não vem. Fala-se, sim, na Rússia, nos erros da Rússia, na consagração e na conversão da Rússia. Mas não se fala do comunismo, e muito menos em termos de anti-comunismo.

Falar-se-á, então, em termos de anti-Rússia? A pergunta é importante, porque, se Nossa Senhora tivesse falado contra a Rússia, já se explicaria porque é que alguns tomaram a sua mensagem como anti-comunista. Na Rússia, com efeito, nasceu, e de lá se expan-

diu, a experiência do comunismo. Ora Nossa Senhora falou da Rússia na aparição de Julho de 1917. Pediu que deixássemos de ofender a Deus, que fizéssemos o que Ela nos vinha dizer, e lhe oferecéssemos a comunhão reparadora nos primeiros sábados; que se não atendéssemos os seus pedidos, muitas almas se perderiam, não teríamos paz e a Rússia espalharia os seus erros e promoveria guerras e perseguições à Igreja. Em parte nenhuma somos instigados, nem mesmo indirectamente, a lutar ou a dizer mal, seja de quem for, já que tudo o que de desagradável nos é profetizado se radica na nossa recusa aos pedidos de Nossa Senhora. Pelo que, antes de condenarmos a Rússia, teremos de condenar-nos a nós mesmos.

A única coisa que a Rússia poderia tomar como ofensa e a alguns poderia servir de pretexto para a atacarem, é a referência aos seus erros e à promoção de guerras. O assunto merece que lhe consagremos um próximo artigo. Basta-nos, para hoje, fixar que, na base dos erros e das guerras da Rússia, se situa uma recusa nossa aos pedidos de Nossa Senhora.



FÁTIMA, 13 DE NOVEMBRO DE 1974 — D. Luís Gonzaga Ferreira da Silva, bispo de Vila Cabral, Moçambique, preside à concelebração da missa oficial da peregrinação, na capelinha das aparições.

PARA A JUVENTUDE

Ozanam continua a ter 20 anos

Elogio e missão da Juventude do mundo

Perdida no amontoado diário dos acontecimentos diversos, esta notícia insólita:

«Durante três anos, três alunos dum colégio de Paris passaram os domingos a educar rapazes da sua idade, doentes mentais».

É tudo. É pouco. Gostaríamos, evidentemente, de saber mais...

Mas ai! Não há lugar nos mercados de notícias. Os crimes e os escândalos acotovelam-se às portas das redacções. Os assassinos em primeiro lugar!

O que apodrece não pode esperar...

Três anos é muito tempo quando se tem vinte anos. Três linhas num jornal. Não é uma homenagem: é uma esmola.

* * *

Vós encontrastes certamente estes jovens. Mas reconheceste-os?

Com os seus cabelos compridos (demasiado compridos, dizem os carecas), o seu modo de vestir insólito (onde foram parar as sobrecasacas doutros tempos?), são eles que recolhem papéis velhos, lavam carros, limpam águas-furtadas, levam bolos às crianças e flores aos velhos. Sempre disponíveis. Incansáveis e alegres. Incansavelmente alegres.

Parecem-nos cínicos, agressivos, insolentes por vezes? São as borbulhas da sua Primavera. Mas os seus corações valem mais do que as camisas que vestem; e a sua generosidade — que nada fica a dever à graça dos cofres — nasceu do desejo de amar.

Em todo o caso, se, na época das máquinas engole-moedas, os corações de vinte anos começam a acreditar na Primavera, para onde caminhamos nós?

Para onde caminhamos, quando — um exemplo entre muitos — 120 000 rapazes e raparigas, mal entrados na adolescência, conseguiram juntar, unicamente com o seu esforço, 125 milhões de francos antigos, que em 50 países fizeram jorrar água 5 000 vezes, construíram casas, equiparam dispensários, levaram trigo, arroz, alegria e esperança?

Para onde caminhamos? Para uma civilização de fraternidade.

Para uma teologia renovada do amor.

* * *

Porque muitas vezes Cristo despojado encontrou refúgio nos seus corações angustiados e indignados.

E a fé — uma fé virgem — floresceu.

Repudiando um tipo de religião incessantemente requeitada, encarregada de nos evitar rudes golpes no outro mundo e preocupada, antes de mais, em acalmar aqui na terra os nossos pequenos pavores que nos embrutecem, eles puseram-se ao serviço de um Cristianismo que não se preocupa em saber se o copo de água ficará ou não sem recompensa, de um Cristianismo que não procura enganar o Bom Deus, de um Cristianismo construtivo e conquistador.

E servem-no nas águas-furtadas, nas garagens, nas fábricas e nos dispensários.

Ozanam tem sempre vinte anos.

* * *

Ver em todo o ser humano
um homem,

e em todo o homem

um irmão:

Juventude do mundo: eis a tua lei.

* * *

A Organização Mundial de Saúde revelava-nos há pouco que nos países que se dizem civilizados, anualmente cerca de três milhões de homens tentam matar-se.

Fome? Frio? Miséria?

Não. Saturação, desânimo. E, porque se esqueceram de Deus, apenas lhes resta este buraco escuro a que chamam futuro.

Porque não são os pobres que querem morrer. Os pobres já têm na vida males bastantes.

São aqueles a quem nada foi recusado, mas a quem tudo falta.

Providos, abastados, fartos, saciados, receberam tudo, tudo esbanjaram: matam-se.

Se estes corações doentes deixam de bater, é porque nunca pulsaram.

A fim de salvar a civilização do tédio e do desespero, acorrei, ó jovens, ao serviço do homem.

Das demissões do nosso tempo nasce a missão das vossas vidas.

Não percais tempo a julgar: construí.

Construí uma cidade com as dimensões do ser humano, que o sirva sem oprimir.

Construí uma vida cristã desimpedida, desin-

fectada de superstições, de truques e de vileza. Uma vida leal com Deus.

«O que é preciso — dizia-me um dia Pio XII — é ensinar de novo os homens a amarem-se».

* * *

Não conseguireis fazer tudo? Certamente. Não vereis o fim do combate?

Que importa! O importante não é o que se colhe mas o que se semeia.

Os perigos já vos esperam, de emboscada, no caminho do vosso destino?

Enfrentai-os de pé!

Na felicidade, sede irmãos.

Na dor, sede homens.

E olhai mais alto, sempre mais alto.

Para enxugar as próprias lágrimas, nada melhor do que fixar uma estrela.

Perante os fósseis dourados, os malabaristas do espírito cujos fantasmas de papel pintado vos querem ocultar a luz, sede cavaleiros. Desprezai o vulgar. Acreditai na epopeia.

É Dom Quixote quem tem razão.

* * *

Testemunhas acorrentadas do apodrecimento deste século (que foi, por instantes, tão bom!), apavorados pela gigantesca corrida para a morte daqueles que confiscam os nossos destinos, asfixiados por um progresso com cara de bicho-papão e que muitas vezes não passa duma enorme máquina de assassinar,

com o coração dilacerado pelo grito «Tenho fome!» que se ergue incessantemente em dois terços do mundo,

resta-nos apenas este maravilhoso reflexo da face de Deus: a Esperança.

Então... amanhã?

O amanhã sois vós.

RAUL FOLLEREAU

Peregrinações a Roma no Ano Santo de 1975

Na véspera do próximo Natal, Paulo VI dará oficialmente início à fase romana do Ano Santo, com a abertura da «Porta Santa» da Basílica do Vaticano. Durante um ano, peregrinos de todo o mundo dirigir-se-ão a Roma para, ali, lucrarem a indulgência jubilar.

É preciso assegurar às peregrinações do Ano Santo a Roma o carácter essencialmente religioso e espiritual que lhes é próprio. Foi esta a primeira e mais insistente recomendação de Mons. Balducci, delegado da Comissão Central do Ano Santo à Comissão Nacional portuguesa em recente viagem ao nosso país.

Está no espírito de Paulo VI que o movimento de peregrinações seja marcado pelo sentido eclesial da visita aos túmulos dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo e do encontro com o próprio Papa, mais do que pelo grande número de peregrinos.

Esperam-se, no entanto, em Roma, do Natal deste ano ao Natal de 1975, uns dez milhões de peregrinos. A Santa Sé, os cristãos da cidade e as entidades civis prepararam-lhes acolhimento cordial e um clima propício à digna e frutuosa celebração do Jubileu romano.

Partindo da previsão de que o tempo normal de permanência em Roma seja de uma semana, foi elaborado um programa-tipo que, além das visitas jubilares às 4 basílicas maiores e da audiência do Papa, inclui a visita às catacumbas e a via-sacra no Coliseu. Em complemento, estão previstas exposições, congressos e solenes celebrações religiosas.

SOLIDARIEDADE ENTRE PEREGRINOS

Mons. Balducci acentuou ainda outra nota de que as peregrinações a Roma se deverão revestir: a da solidariedade cristã. Os peregrinos que viajam juntos ou se encontram em Roma devem sentir-se em família. Mas devem sentir-se também solidários com todos os outros cristãos, e particularmente com os da sua comunidade (diocese, paróquia, associação, etc.), que ali, de certo modo, representam. Uma das expressões concretas desta solidariedade será a contribuição financeira para tornar possível a ida a Roma de alguns

irmãos economicamente mais débeis. Parte desta contribuição deverá encaminhar-se para o fundo mundial aberto pela Santa Sé, de que beneficiarão sobretudo os fiéis do Terceiro Mundo.

A «BOLSA DO PEREGRINO»

Todos os peregrinos portugueses deverão fazer a sua inscrição oficial na Comissão Nacional do Ano Santo (sede do Episcopado, Campo dos Mártires da Pátria, 43, 1.º Esq., Lisboa-1) ou na Comissão Diocesana da respectiva diocese.

Esta inscrição dá direito à «bolsa do peregrino». Esta bolsa contém o cartão, o emblema e o livro do peregrino e um mapa especial de Roma. O cartão de peregrino dá direito às celebrações e actos jubilares, incluindo a audiência do Papa, visita a museus e outros lugares, descontos nos transportes públicos, e constitui uma apólice de seguro de vida para o tempo da peregrinação. Os peregrinos oficialmente inscritos ainda receberão o «dom do Papa», isto é, uma medalha ou outra lembrança especial do Ano Santo.

ORGANIZAÇÃO DE PEREGRINAÇÕES

É livre a organização de peregrinações, e nesse sentido a Comissão Nacional do Ano Santo já teve um encontro com os representantes das agências de viagens, às quais dará apoio em ligação com as instâncias romanas competentes.

Está, no entanto, prevista a organização, com carácter oficial, de peregrinações pelo Serviço Nacional de Peregrinações, em estreita ligação com a Comissão portuguesa do Ano Santo.

A primeira será por ocasião da abertura solene do Jubileu na noite de Natal, com partida de avião no dia 22 e regresso dos peregrinos no dia 28 de Dezembro próximo. As inscrições deverão fazer-se o mais cedo possível na sede da Comissão acima referida.

Está em projecto uma série contínua de peregrinações, com saídas todas as semanas, de Maio a Outubro de 1975.

Porque não entrou Portugal em guerra

NA sua despedida antes de partir para Lisboa, onde morreria, recomendava a Jacinta à sua prima Lúcia:

«Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria... Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que lhas peçam a Ela... que peçam a paz ao Coração Imaculado de Maria, que Deus lha entregou a Ela.»

Portugal pôs em prática estas palavras. Pediu a paz e consagrou-se ao Imaculado Coração de Maria a 13 de Maio de 1931, quando o Episcopado Português se reuniu pela primeira vez na Fátima após a aprovação eclesiástica de tais aparições, 13 de Outubro de 1930. Renovou essa consagração na peregrinação de 13 de Maio de 1938, em acção de graças por termos escapado à revolução marxista que abrasou a Espanha. Foi essa consagração feita e renovada na Fátima que nos alcançou a graça de escaparmos à Segunda Guerra Mundial. Revelou-o o Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa, na soleníssima inauguração do Monumento Nacional a Cristo-Rei, em Almada, no dia 17 de Maio de 1959:

«Em 2 de Dezembro do mesmo ano (1940) a vidente e confidente da Virgem escrevia ao Papa Pio XII, o Papa de santa e altíssima memória, o Papa que poderemos chamar de Fátima, em carta com Seu assentimento certamente divulgada:

— «SS.^{mo} Padre, se é que na união da minha alma com Deus não sou enganada, Nosso Senhor promete, em atenção à consagração que os Ex.^{mos} Prelados Portugueses fizeram da Nação ao Imaculado Coração de Maria, uma protecção especial à nossa Pátria durante esta guerra e que esta protecção

Artigo do

P. FERNANDO LEITE

será a prova das graças que concederia às outras nações se, como ela, lhe tivessem sido consagradas».

A 18 de Agosto de 1940, em resposta a uma carta do seu Director Espiritual em que lhe relatava a angústia de muita gente, que temia que a guerra assolasse também Portugal, escrevia a Ir. Lúcia:

«A prova que nos concede é a protecção especial do Imaculado Coração de Maria sobre Portugal, em vista da consagração que lhe fizeram. Essa gente, de que me fala, tem razão de estar assustada. Tudo isso nos aconteceria se os nossos prelados não tivessem atendido aos pedidos do nosso Bom Deus e implorado tanto de coração a sua misericórdia e a protecção do Imaculado Coração da nossa boa Mãe do céu. Mas na nossa Pátria há ainda muitos crimes e pecados e como agora é a hora da justiça de Deus sobre o mundo é preciso que se continue a orar. Por isso eu achava bem que incutissem nas pessoas, a par duma grande confiança na misericórdia do nosso bom Deus e na protecção do Imaculado Coração de Maria, a necessidade da oração acompanhada do sacrificio, sobretudo aquele que é preciso fazer para evitar o pecado. É o pedido da nossa boa Mãe do céu, desde 1917, saído com uma tristeza e ternura inexplicável do seu Imaculado Coração: Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido».

Como vemos pelo testemunho destas cartas ao Director Espiritual e ao Papa Pio XII, a Irmã Lúcia comunicou-lhes, respectivamente em Agosto e Dezembro

de 1940, quase no princípio da guerra, que Portugal seria livre dessa catástrofe devido à consagração feita pelos nossos Prelados, confiando e entregando a nossa pátria ao Imaculado Coração da Mãe de Deus. A mesma graça seria concedida às outras nações, se nos tivessem imitado o exemplo.

A França entrou em guerra, mas as raras povoações que se consagraram ao Coração de Maria tiveram a mesma sorte que Portugal: nada sofreram.

O P. Blaizot, pároco de Saussey (Mancha), escreveu para o Santuário da Fátima:

«Esta paróquia, da Diocese de Coutances, consagrou-se ao Imaculado Coração de Maria. A 11 de Julho de 1944, fez, por escrito, a promessa de erigir uma estátua de Nossa Senhora da Fátima na praça pública, se a povoação fosse preservada das destruições da guerra.

Em Junho de 1945, Saussey encontrava-se em plena zona de combate, muito perto do local de desembarque das tropas americanas. Contudo, a 29 de Julho, data do aniversário da consagração, todo o território da freguesia estava libertado, sem que uma só casa tivesse sido beliscada, sem que um único habitante tivesse sido ferido. A ordem de fazer ir pelos ares um grande depósito alemão de munições ficou sem

se cumprir.»

E o pároco de Martres (Pas de Calais):

«A 5 de Outubro de 1947 inaugurou-se uma estátua de Nossa Senhora da Fátima na praça em frente da igreja paroquial. Este monumento ergueu-se em cumprimento dum voto feito em 1944 pela povoação. Como na região ficavam várias rampas de lançamento de bombas VI, os bombardeamentos eram incessantes sobre a nossa freguesia. Pois não houve vítimas. Um dia, principalmente, quando os homens voltavam do trabalho, foram surpreendidos por um bombardeiro maior. Deitaram-se ao chão e, quando se ergueram, nenhum tinha sofrido a mais pequena beliscadura, apesar do chão em volta ter ficado crivado de balas.»

Que importância a da consagração ao Imaculado Coração de Maria! Por causa dela, evitaram os horrores da guerra uma nação e várias freguesias.

Sentimo-nos apreensivos quanto ao dia de amanhã? Voltemo-nos para o Coração Imaculado de Maria por quem «Deus nos concede as graças», sobretudo a da «paz». Consagremo-nos, isto é, entreguemmo-nos confiadamente ao seu Imaculado Coração.

NOTA — Acaba de sair e encontra-se à venda no Santuário da Fátima um folheto de 32 páginas intitulado «Se fizerem o que Eu vos disser terão Paz». Nele aparecem explicados os pedidos dos quais Nossa Senhora quis fazer depender a paz: o terço, a consagração ao Imaculado Coração de Maria e a devoção dos Primeiros Sábados.

Peregrinação de 13 de Novembro

Estiveram presentes nas cerimónias da peregrinação mensal de Novembro alguns milhares de peregrinos.

Presidiu o bispo de Vila Cabral, D. Luís Gonzaga Ferreira da Silva, que regressava de Roma, onde participou no Sínodo Mundial dos Bispos. Antes da concelebração, em que participaram o bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral, e vários sacerdotes, efectuou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora pelo recinto e rezou-se o terço acompanhado de cânticos.

As cerimónias realizaram-se na capela das aparições. Os peregrinos, entre os quais alguns doentes (15 pessoas de idade vieram do Lar das Fontes, Santa Marta de Penaguião, para estar nesta peregrinação), assistiram à volta do pequeno templo, com todo o recolhimento e devoção.

Depois das leituras, fez a homilia o P. António das Neves Gameiro, do Seminário de Leiria, que falou aos peregrinos sobre a realidade do Mistério de Cristo. «Vir à Fátima, disse, é vir ao encontro do mistério da aproximação entre Deus e o Homem. Fátima é escola de oração».

Comungaram muitos peregrinos e, no fim da missa, o bispo de Vila Cabral deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos enfermos e a todo o povo.

O sr. bispo de Leiria pediu aos peregrinos o maior empenho no aproveitamento espiritual das peregrinações e rezou com estes pelo Papa, para lucrar as indulgências do Ano Santo.

Por último, o bispo de Vila Cabral saudou os peregrinos a quem pediu orações pela missão da sua diocese e de Moçambique.

A lição duma leprosa

O P. Héber de Lima, S. J., depois de atender os seus doentes no leprosário de Fontilles, retirou-se para a capela para rezar o terço. «Notei que havia alguma coisa lá na frente — escreve ele. Os contornos foram-se definindo e, finalmente, vi que era uma mulher ajoelhada, com os braços em cruz! Fiquei a olhar para aquele espectáculo, sobre o qual o Céu devia estar debruçado. Os dois braços pareciam terminar em mãos fechadas. Observei melhor e reparei que eram mãos sem dedos... E estavam em cruz! Como se não bastasse a esta pobre mulher a duríssima

cruz da lepra... Lembrei-me de Moisés, com os braços em cruz, no alto do monte. Só que o velho patriarca tinha dois homens que lhe sustentavam os braços... Senti uma vontade enorme de trazer o mundo inteiro para dentro daquele pequeno templo, perdido num recanto da Espanha. Especialmente o mundo elegante e vazio que vende a alma ao conforto e à beleza do corpo. Depois comecei a sentir vergonha. Vergonha de mim mesmo e dos homens e mulheres do meu tempo. Vergonha por não fazermos a penitência de que precisamos...»